



22 A 26
DE OUTUBRO
DE 2024
FLORIANÓPOLIS - SC



Trabalhos Científicos

Título: Perfil Clínico-Epidemiológico De Crianças E Adolescentes Que Vivem E Dos Que Convivem Com Espinha Bífida

Autores: NATÁLIA ROCHA SPILLERE (FURB), BRIGITTE WILLECKE WILLECKE ROSENDO (FURB), KARINE FURTADO MEYER (FURB), BEATRIZ PRADI (FURB), CAROLINE ALMADA DEMARCHI (FURB)

Resumo: O atendimento aos portadores de espinha bífida e olhar aos cuidadores estimulou o estudo para entender sua situação, dado o impacto nos índices de morbidade e mortalidade infantil e a necessidade de cuidados multidisciplinares. Analisar as variáveis clínico-epidemiológicas de crianças e adolescentes portadoras de espinha bífida e seus responsáveis. Classifica-se como um estudo descritivo do tipo transversal de abordagem quantitativa. Foram analisadas 40 crianças e adolescentes entre zero e dezoito anos e seus responsáveis. Parte dos dados foram coletados por meio de três questionários desenvolvidos pelas pesquisadoras, embasados em outros estudos. Complementada pelo quarto questionário, denominado Questionário de Avaliação da Sobrecarga do Cuidador Informal, utilizado na íntegra. Dados coletados entre janeiro e julho de 2023 após aprovação pelo Comitê de Ética. Em nossa casuística, a maioria dos pacientes era da raça branca. A maioria das mulheres não planejou a gravidez em que nasceu o filho com espinha bífida. A deficiência de ácido fólico é considerada o fator de risco mais importante para a espinha bífida. As complicações associadas mais prevalentes foram a bexiga neurogênica, hidrocefalia e pés tortos congênitos. A maior parte das crianças e adolescentes fazem uso cotidiano de sondas vesicais. Todos os portadores necessitam de alguma assistência para sua locomoção e funcionalidade. A sobrecarga financeira é a implicação que mais contribui para a sobrecarga negativa sentida na família. Destaca-se a importância do acompanhamento multidisciplinar precoce para garantir a independência funcional das crianças com espinha bífida. As limitações socioeconômicas e a ausência de centros multidisciplinares de tratamento afetam significativamente a qualidade de vida das crianças. Os profissionais de saúde não devem pautar suas preocupações somente nas crianças com espinha bífida, mas também em sua família, a qual é responsável pelo cuidado dessas crianças e necessitam manter sua saúde.